

leão atravessando as fronteiras lusas, pelo Norte. E os ingleses, agindo ainda mais rápido, bloqueavam o Tejo e tomavam a iniciativa de "proteger" Lisboa. Para D. João não havia grande margem de escolha. A solução era a fuga para o Brasil.

Ingleses de um lado, franceses do outro, o pânico instalou-se na cidade. "Com a pressa que o momento exigia, foi organizado um verdadeiro saque no país. Os fidalgos embarcaram com mais de oitenta milhões de cruzados, em ouro e diamantes, e com a metade do dinheiro em circulação no Reino! Depois disso, a fuga dos governantes, sendo que o Regente seguiu disfarçado para o cais, sem nenhuma despedida. Alguns regimentos recusaram-se a embarcar e outros autodissolveram-se. O pavor inspirava cada gesto. Era gente querendo embarcar a força, eram senhoras distintas afogando-se nas águas do Tejo, era o povo apupando os que se retiravam. Diz-se mesmo que a única pessoa disposta a resistir era D. Maria I, a demente Rainha-Mãe, que respirava o ar das ruas após dezesseis anos de reclusão: 'Não corram tanto! Vão pensar que estamos fugindo!', gritava do coche que a conduzia, célere."<sup>6</sup> E foi assim que no dia 30 de novembro de 1807, pelo amanhecer, as tropas francesas de Napoleão, comandadas pelo marechal Junot, entraram em Lisboa, "para só avistar, a sumirem-se no fundo do horizonte, as últimas velas da esquadra do príncipe D. João" (Rocha Pombo). O mau estado das estradas e a chuva impediram Junot de chegar a tempo. Com o príncipe vinham para o Brasil quase toda a nobreza local (uma multidão de cerca de 15 mil nobres), com seus respectivos lacaios, bens, tralhas, seguranças e ainda quase toda a Real Bibliotheca da Ajuda, que, na verdade, era composta de duas bibliotecas: a Bibliotheca do rei e a da Casa do Infante, esta destinada ao uso dos príncipes<sup>7</sup>. Além dos livros, os navios traziam, também, "três volumes de estampas, brasões de diversas famílias, titulares e nobres, brasões abertos em madeira e em metal e desenhos originais com iluminuras" e mais os "instrumentos de física e matemática do real gabinete"<sup>8</sup>. A viagem não foi fácil, não por causa dos franceses, cuja Marinha não se sentia forte o bastante para enfrentar a poderosa defesa inglesa que comboiava os navios portugueses, mas por causa das tempestades e da falta de comodidade e de higiene, que, se não afetavam os velhos e experientes mari-